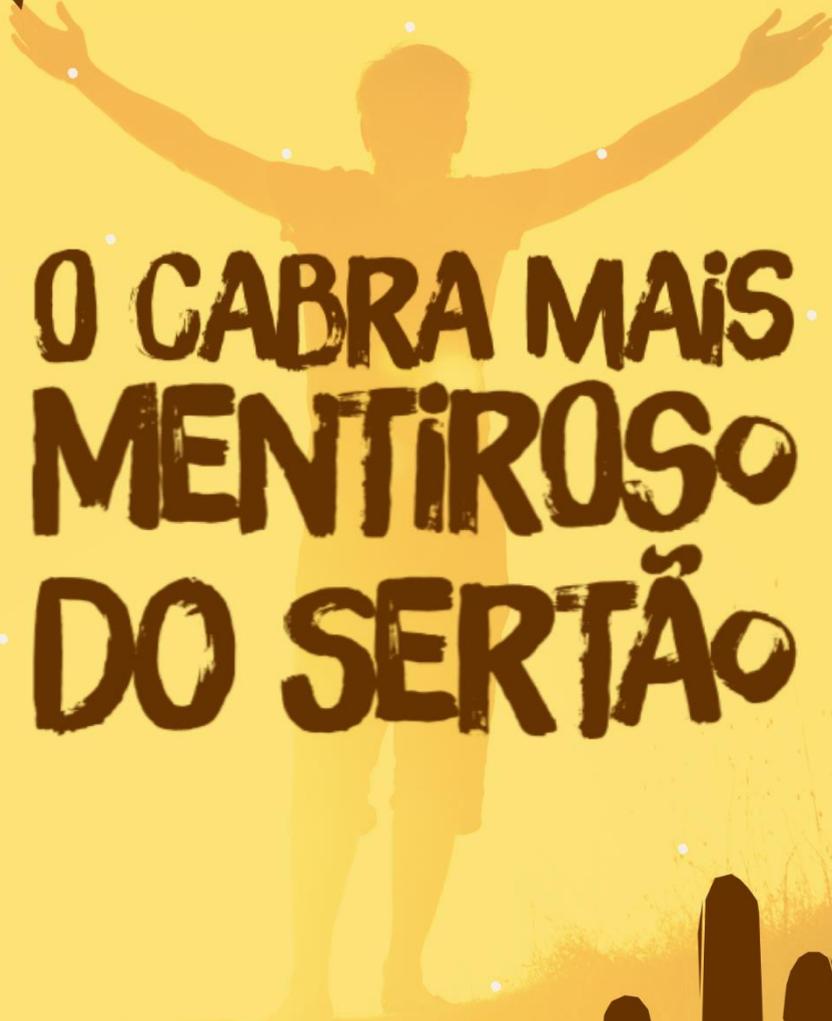




DYEQO

histórias que transformam



O CABRA MAIS MENTIROSO DO SERTÃO



Direitos autorais © 2021 DYEGO

Todos os direitos reservados

Para meus irmãos:
Thyago, Mariana e Alessandro (in memoriam).
Vocês são minhas melhores lembranças de infância feliz.

CAPÍTULO I

No sertão semiárido maranhense, bem longe do mundo pós-moderno e severamente castigada pelo sol e pela seca que parece infinita, está a pequena São João da Macaxeira. Uma cidadezinha tão pequena que mais parece um povoado. Nem o carro do Google a encontrou para fazer o mapeamento. Ou, se encontrou, não conseguiu voltar para informar os dados. Isso é possivelmente possível de haver possibilidade. Uma vez que São João da Macaxeira é tão quente e tão seca, que até o caminhão pipa quando vai levar água pra abastecer as cisternas chega só com metade da carga, porque o restante evapora no caminho. Mas, incrivelmente, por obra de Deus mesmo, nos quintais das poucas dezenas de casas que povoam a cidade, é possível plantar e colher mandioca. Ninguém sabe dizer como isso acontece, mas o tubérculo resiste ao calor e a seca e é a maior fonte de alimento e de renda da população são-joão-macaxeirense.

Todas as casas plantam mandioca e fazem farinha para vender. Duas vezes por semana um caminhão do

Mateus Atacarejo passa na cidade, compra o estoque de todas as casas e leva pra capital. Assim, a cidadezinha se mantém e vai sobrevivendo.

Mas, o maior produtor de farinha da cidade, e da região, é o brutamontes sinhô Robaldo Silveira. Só as terras de propriedade dele têm o mesmo tamanho da cidade inteira. O homem é rico, bruto, malvado e poderoso. Só anda arrodado pelos seus capangas, e toma à força tudo o que quer. Mas, o que ele gosta mesmo é da criação de bode. Tem mais de mil cabeças de bode, cabra e cabrito. Tudo magrelo, feio e zangados. Ele nem vende e nem mata pra comer, é só pra ficar lá mesmo. Vai entender...

E lá no centro de São João das Macaxeiras tem uma casinha de taipa, igual as demais, simples e bem arcaica, que também planta mandioca e produz farinha. Na fachada foi passado cal, pelo menos pra parecer pintada de branco, o que a deixa destacada de todas as outras que não tem qualquer pintura. É nessa casa que Riquelme mora com seus pais há vinte e um anos. Sim, Riquelme não é um nome comum. Mas, jogo de futebol e cd de Aviões do Forró se encontra em qualquer lugar do nordeste, até mesmo aonde o Google não chega.

Todo mundo da cidade sabe quem é Riquelme. Ele é conhecido como a pessoa mais inteligente das espertezas (vulgarmente conhecido como mentiroso) de toda a região. Tem o raciocínio rápido e aprende tudo de forma fácil. Mas, usa toda essa habilidade pra se dar bem em cima dos outros. É realmente impressionante.

Os pais de Riquelme são crentes, daqueles bem firmados mesmo. Fizeram de tudo pra ensinar Riquelme a andar nos caminhos de Jesus. A mãe dele, coitada, faz tudo pra ajeitá-lo, mas não consegue. O pai também nunca desiste, e sempre que pode tenta consertar alguma presepada do filho espertalhão. Até na igreja Riquelme é espoletado. Fingido todo. Se você olhar ele num culto, pensa que é santo. Mas nunca foi crente de verdade. Só de mentira. Essa é a maior habilidade de Riquelme: mentir. E foi por causa dessas mentiras que ele se meteu onde não devia, e está prestes a levar um pipoco no meio da testa, pelo revólver do sinhô Robaldo Silveira.

CAPÍTULO II

Mas, pra chegar nessa situação de quase morte, precisamos voltar algumas horas pra trás. Porque tudo começou logo pela manhã.

O culto matutino da igreja Assembleia de Deus de São João da Macaxeira acaba de encerrar. A igreja que tem um dos prédios com melhor estrutura da cidade, está lotada de crentes fiéis. São João da Macaxeira tem metade da cidade de crentes e metade de católicos. Pela manhã, a cidade todinha está na igreja, ou em uma ou em outra.

Riquelme está se preparando pra sair da igreja Assembleia de Deus, quando vê Laurinha no meio da multidão indo embora. Laurinha é o desejo da vida de Riquelme. Cabelos castanhos cacheados, deslizam pelo seu ombro com ondas tão perfeitas que reluzem com os raios do sol de 42 graus celsius. Seu rosto tem pele fina e a aparência macia, com destaque para o batom vermelho rubro escarlate em seus lábios carnudos e provocantes. O

corpo esbelto, parece que desenhado à mão, segue delineado por um vestido justo, colado, rosa claro. Os olhos tão escuros como a madrugada de lua nova, perfuram o coração de Riquelme ao encontrar com os seus. Bum! O coração do mentiroso do sertão dispara. Ele não resiste, e corre até ela para mais uma investida.

— Laurinha, a Palavra de Deus diz que tu não podes apagar o Espírito Santo! — fala Riquelme andando bem próximo da amada, que segue andando, agora mais ligeiro quando o vê.

— Oxente, Riquelme! Eu não tô fazendo nada pra apagar o Espírito Santo! Que história é essa? — responde Laurinha aborrecida.

— Tá sim, Laurinha!

— Claro que não! Saia pra lá!

— Olhe aí, tá apagando o Espírito!

— O que diacho eu tô fazendo, homem?

— O Espírito Santo tá falando no meu coração faz é tempo que tu que és a mulher da minha vida. E tu só ficas jogando balde de água fria! Tá apagando o Espírito!

— Só se for o espírito de porco que tá falando no teu coração, porque o Espírito Santo não manda homem solteiro ficar paquerando mulher casada não!

— Casada não! Mal-casada, isso sim!

— Mal-casada uma ova, garoto! Eu sou esposa do homem mais respeitado dessa região, o melhor policial que São João da Macaxeira já tem!

— Claro que é o melhor, a polícia da cidade é só ele e os dois anões gêmeos!

— Pelo menos meu Rocha não é mentiroso e medroso, igual tu!

— Vixe! Pois, então tu não sabes que teu marido corre de confusão igual menino arteiro corre da chinela da mãe?

— Que conversa é essa, menino? — indaga a beldade, parando bruscamente e vira-se para Riquelme.

— Se tu não sabes, não sou em quem vai contar. Depois fica me chamando de mentiroso. — ele responde virando-se de costas para ir embora. Laurinha segura no braço de Riquelme pra ele não sair.

— Êpa! Começou, agora termine de contar! — ela fala.

Riquelme arqueia uma das sobrancelhas com um sorriso maroto, sabendo que chamou a atenção da amada. Virando-se para ela, ele usa toda a sua especialidade *miguelosa* (habilidade de contar uma história mentirosa tão bem contada, que é acreditada até pelo próprio contador).

— Me contaram que uma vez o policial Rocha foi atender uma ocorrência lá na casa de seu Chico Cumbuca...

— O que faz bolo de macaxeira? — Laurinha pergunta, interrompendo Riquelme.

— Ôxe, e tem outro?! É ele mesmo. Um ladrão entrou na venda do seu Chico e roubou todos os bolos de macaxeira do velho. O pobre tava desnorteado. A venda dele ficou toda bagunçada, jogaram tudo no chão, e parece até que tinham comido uns bolos ali mesmo, porque tava cheio de migalhas no chão. Rocha chegou lá querendo se aparecer, todo inchado, ficou anotando lá o que o seu Chico ia falando pra ele. Quando, de repente, POW!!! Um barulho forte e alto, como se fosse um tiro. Seu Chico Cumbuca se jogou no chão pra se proteger e fechou os olhos com medo de ser atingido por uma bala perdida. Depois de um tempo ele se levantou devagar, ficou olhando pra tudo quanto é lado, e não viu nenhum

perigo. Aí, o velho se levantou, andou um pouquinho até o balcão da venda e percebeu que foi a máquina registradora que caiu no chão e fez o barulho. Ficou aliviado o homem. Só aí que percebeu que o policial Rocha tinha sumido. Seu Chico Cumbuca procurou em todo canto e não achou o policial lá na venda. Resolveu sair pra ver se ele tinha ido embora. Quando saiu na porta, olhou o fusca da polícia parado na frente, mas nem sinal do policial. Ele coçou a cabeça sem entender nada. Aí, viu um líquido escorrendo por debaixo do fusca. Foi lá perto, se abaixou e encontrou o corajoso do teu marido: escondido debaixo do fusca velho, de olho fechado, todo mijado.

— Arre égua! Isso é mentira tua Riquelme! — fala Laurinha irritada, dá um tapa no braço de Riquelme e vai embora batendo o pé.

— Oxente... — fala Riquelme sozinho frustrado.

— Riquelme!!! — grita forte o pastor Irineu lá do púlpito.

Riquelme vira-se para o pastor, meio assustado com o grito.

— Venha aqui, meu filho! — grita o sacerdote de novo.

Riquelme vai até o pastor. Seus pais também estão lá com ele. Todos sentam-se nas cadeiras da primeira fileira. O pastor inicia sua fala:

— Riquelme, seus pais vão ser ordenados diáconos da igreja. Há anos que eles são dedicados a obra do Senhor e tementes a Deus. Eles amam essa casa como amam a sua própria. Chegou a hora de reconhecermos essa dedicação.

Riquelme fica surpreso, mas feliz. O pastor continua.

— Portanto, filho, tu agora serás o filho de líderes da igreja. E estou aqui como teu pastor para te orientar que viva de maneira santa. Tu precisas ser um exemplo para tua geração, um exemplo de santidade, de oração, de integridade, um exemplo de pessoa que fala e vive a verdade...

Até essa parte Riquelme prestou atenção. Mas aí ele vê, por uma janela que está atrás do pastor Irineu, que lá do lado de fora da igreja Laurinha está encostada em uma árvore aguardando alguma coisa. Na mesma hora seus pensamentos divagam e ele não escuta mais qualquer palavra do pastor. Ele fica admirando sua amada encostada na árvore. Em seguida vê um cachorro vira-lata preto com uma mancha branca em seu torso se aproximar

dela. Ela se abaixa e faz carinho na cabeça do cachorro. Riquelme percebe que o cachorro tem algo na boca. Laurinha pega o objeto que estava na boca do cachorro. É um papel dobrado. Ela abre e vê o que tem no papel. Laurinha sorri, com uma expressão ousada. Ela olha para algum lugar de forma atrevida. Riquelme fica arreliado. Que olhada foi essa? Laurinha tá de chamego com alguém?! Riquelme tenta olhar para o mesmo lugar que Laurinha, mas não consegue descobrir pra onde ela está olhando. Então, o cachorro sai correndo de volta, e entra em uma caminhonete Ford C14 marrom. Riquelme faz a ligação dos pontos e constata que Laurinha está olhando exatamente pra lá. Então, o jovem olha rapidamente para o banco do motorista pra saber quem é o maldito que está de chacota com a sua amada. “Eita, diacho!!!”. Ele identifica o homem: É Capitão Boeing, um dos capangas do sinhô Robaldo.

CAPÍTULO III

Capitão Boeing é um animal. Tem dois metros de altura, se acha o fortão porque é musculoso da cintura pra cima. Mas da cintura pra baixo tem as pernas finas iguais dois caniços de pesca. Ele usa sempre uma camisa regata bem coladinha no corpo e calça social preta, uma mistura bem estranha, horrível de se ver. Pra completar, o cabra é mais burro que um jumento. Como a Laurinha pôde se interessar por um Frankenstein desses?! Não demora muito e ele vai embora na caminhonete pra um lado, e Laurinha vai andando pra outro. Alguma coisa eles combinaram naquele bilhete.

O pastor ainda está falando quando Riquelme volta a atenção pra ele.

— Nós contamos contigo pra isso, Riquelme. —
finaliza o pastor.

— Ah..., claro. Pode contar comigo, pastor. — responde Riquelme, sem nem saber com o que se comprometeu.

Um pouco distante dali está a propriedade do sinhô Robaldo. Uma terra muito grande, a perder de vista, deve ser proporcional a uns duzentos campos de futebol. Logo na entrada da propriedade, fica o casarão do infeliz malvadão.

Dentro da casa tem uma sala de jantar gigantesca. Ali fica uma mesa oval com vinte e quatro cadeiras, vários móveis, quadros, jarros e dezenas de outros artigos de decoração. A mesa do café da manhã está posta e sinhô Robaldo está sentado na cadeira da cabeceira. Nitidamente exaltado. Ao redor dele estão três homens que fazem parte das lavouras, o contador e um capanga armado, o Manga Rosa.

— Como isso foi acontecer????!!! – grita Sinhô Robaldo, batendo na mesa.

Os três homens das lavouras estão se tremendo de medo e nervoso.

— Sinhô, a gente não sabe. A gente fez tudinho, do jeitinho que o sinhô mandou a gente fazer. Colocamos os produtos, e deixamos agir, pra matar todos os parasitas

das plantações. Mas, os bichos não morreram. — responde um dos homens.

— A culpa é de vocês, seus idiotas!!! — fala sinhô Robaldo exaltado. — Eu comprei esse veneno na capital, expliquei tudo tim tim por tim tim como era pra fazer, e vocês devem ter feito tudo errado!!!

— Sinhô, eu acho que esse produto não era bom não. Depois que a gente aplicou, parece que os bichos se multiplicaram. — fala outro dos homens da lavoura.

— Tu estás insinuando que eu, Robaldo Silveira, não sei qual o veneno que deve aplicar pra matar parasita das minhas lavouras???! — grita o chefe.

— Não, sinhô. Eu não disse isso, por favor... — responde o homem se tremendo de medo.

— Vocês, cambada de idiotas, é que são os parasitas aqui! Acabaram com a minha colheita inteira!!! Quer saber?! Tira esses porcos imbecis da minha frente, e dá fim neles.

Manga-Rosa, que é enorme igual Capitão Boeing, pega os três homens e os carrega. Os homens ficam se debatendo e gritando, mas não conseguem se soltar e são levados dali.

— Sinhô, o que vamos fazer? Não temos nada para colher, não vamos ter o que vender! — pergunta o contador, preocupado.

— Onde já se viu sinhô Robaldo Silveira sem ter o que vender? Chame os homens. Mande entrar em todas as casas da cidade. Eu quero as colheitas de todo mundo dentro dos meus depósitos. E quem se negar, pode largar pólvora!

Perto dele, um cabrito preso em uma gaiola de ferro se debate agitadamente, babando e rosnando, como um touro feroz. Sinhô Robaldo se aproxima dele com pena.

— Calma, bebezinho. Não fica desse jeito. Papai já tá conseguindo alguém pra te livrar desse tormento. — ele fala para o cabrito estendendo a mão pra ele, mas pega um susto quando o bicho tenta mordê-lo. — Ah, maldito! Tirem esse cabrito daqui! E me achem alguém que tire o demônio do couro dele!!!

CAPÍTULO IV

Em casa, Riquelme e seus pais almoçam na mesa. Tudo muito simples, pouca comida na mesa. O jovem conversa com os pais.

— Oh pai, e mãe, eu fiquei muito feliz com a ordenação de vocês. Isso já era pra ter acontecido há muito tempo, né?

— Ah, meu filho, essas coisas devem acontecer no tempo de Deus. Se tornar diácono oficialmente vai ser só um título. Nós servimos por amor a obra do Senhor, não importa se seremos reconhecidos ou não. — responde o pai, modesto.

— É, eu sei. Mas, vocês vivem para aquela igreja. É claro que têm que ser reconhecidos. — fala Riquelme.

— Meu filho, tu entendeste tudo o que o pastor te falou, né? Sobre dar testemunho, falar sempre a verdade... — fala a mãe.

— Eu entendi sim, mamãe. Se preocupe não. Eu não dou mal testemunho. Inclusive, eu fui chamado pelo prefeito Toinho Grilo pra receber um “Certificado de Cidadão Exemplar”. E isso só porque eu salvei a dona Rute de morrer entalada com farinha. Vocês lembram, né? Do dia em que ela comeu tanta farinha que se entalou e ficou roxinha igual juçara madura? Se não fosse eu passar ali na frente da casa dela e correr pra desentupir a velha, uma hora dessas ela tava comendo farinha no céu. E aí, ele ficou tão admirado que me chamou pra receber esse título aí. Vai ser no dia do Festejo da Macaxeira.

— Meu filho, a gente te conhece bem. Sabemos que você tem bom coração, mas precisa parar com essa “invenção” de histórias... — fala o pai, quando é interrompido pelo filho.

— Ah não, papai! Até vocês??? Acham que eu sou um mentiroso também??? — Riquelme fala irritado, se levanta tirando o prato da mesa. A mãe se levanta ligeiro, pra tentar apaziguar a zanga do filho.

— Espera, filho... Nós só queremos o teu bem. Essa história de prefeito e de certificado, não precisa contar essas histórias pra gente, nós não nos importamos com isso. Oramos tanto por ti, Riquelme. Oramos para o

Senhor te encontrar, te fazer viver pra Ele. — a mãe o abraça, mas ele não a abraça de volta, chateado.

— Filho, nós não estamos te chamando de mentiroso. Todos nós somos pecadores. Todos erramos em alguma coisa na nossa vida. Por isso, precisamos de Jesus. Só Ele pode nos transformar, nos dar uma nova vida. — fala o pai.

Riquelme olha para os dois com tristeza.

— Eu não preciso de uma nova vida. Eu posso ser e ter tudo o que eu quiser. — ele fala, saindo dali e deixando os pais preocupados.

Em São João das Macaxeiras, o sol na hora do almoço é tão quente que nem os calangos ficam perambulando pela rua. Nesse horário, todo mundo está dentro de casa se abanando com alguma coisa. Se a pessoa quiser fazer alguma coisa errada, essa é a melhor hora do dia. Isso Riquelme sabe por experiência própria. Por isso, ele sabe que se a Laurinha e o Capitão Boeing estão aprontando alguma coisa, eles vão fazer isso agora.

Riquelme está escondido atrás de uma pedra de um metro e meio de altura e três de largura. Na frente dele,

há uns poucos metros, está a casa de Laurinha e do policial Rocha. O policial neste horário está dando plantão na delegacia, e só deve chegar em casa à noite. A Laurinha está sozinha em casa. Riquelme fica marocando por detrás da pedra. Ele vê a amada toda arrumada. Dá pra ver pela janela que Laurinha está na frente do espelho, passando batom vermelho rubro encarnado nos lábios. Ah, como Riquelme deseja estes lábios... Mas, o desejo do jovem mentiroso é interrompido pelo barulho de um latido. Assim que Laurinha ouve o latido ela se apressa na arrumação e corre pra fora de casa. Riquelme vê que é o cachorro do Capitão Boeing. Tá vendo? Riquelme estava certo. Era isso que estava escrito naquele bilhete, os dois marcaram um encontro.

Laurinha sai de casa e vai andando junto com o cachorro pelas ruas da cidade. Riquelme não vai ficar pra trás. Ele sai se esgueirando da pedra grande e corre até a parede de uma casa, onde se esconde. Laurinha segue andando com o cachorro, e Riquelme vai se esgueirando de parede em parede, seguindo-a. Não demora muito e ele vê a caminhonete do maldito escondida atrás de casa de taipa abandonada. Laurinha chega até o carro, entra e conversa com o brutamontes na maior alegria. No rádio do carro começa a tocar a música “O meu sangue ferve por você” de Sidney Magal.

Atrás da parede, olhando toda aquela cena, Riquelme se enfurece. Seus olhos ficam arregalados igual de uma mucura no escuro. Os cabelos da cabeça arrepiam e a cara dele fica toda avermelhada.

— Ah, bicha mentirosa! Vive me relaxando, dizendo que é fiel, e tá de caso com esse perna seca! — Riquelme fala sozinho, olhando para os dois dentro do carro sorrindo. — Mas, isso não vai ficar assim. A Laurinha é minha!

Riquelme sai de detrás da parede da casa em que estava escondido esgueirado, em câmera lenta. Um vento forte sopra e alvoraça seus cabelos. Sua feição é como a de uma muriçoca com fome que entrou num mosqueteiro furado e encontra um pescoço descoberto do lençol. Implacável! Nada vai pará-lo! Nada pode segurar o seu ímpeto masculino. Um passarinho cai morto de calor bem ao lado dele. Mas ele não para. Segue andando em câmera lenta com vento no rosto, em direção ao seu alvo. Está chegando próximo, aquele monstrengo vai ter o que merece, a hora dele tá chegando, a fúria de Riquelme vai ser sua última lembrança de vida. Agora é a hora. Quando chega bem próximo da caminhonete, Riquelme para. Sua cara que estava avermelhada fica branca igual o pó de cal que reveste a fachada da sua casa. Ele gela. Engole seco.

Bem na sua frente, parado, babando, rosnando, com todos os dentes à mostra, está o cachorro do Capitão Boeing.

— Eeeii... bichano... fica mansinho aí, tá...? — Riquelme fala gaguejando, todo se tremendo de medo de virar refeição. O cachorro continua rosnado e babando, pronto para avançar no jovem. Riquelme vê uma pedra perto do seu pé. Ele se abaixa com todo o cuidado pra não chamar a atenção do monstro canino. Pega a pedra e joga pra espantar o cachorro dali. Que ideia de jerico. O cachorro fica louco de raiva e pula em cima de Riquelme, que cai no chão com o animal em cima dele. O jovem usa seus braços tentando se proteger das mordidas do cachorro ensandecido, e consegue empurrá-lo com força, tirando-o de cima dele. Riquelme se levanta com dificuldade e sai correndo desesperado. O cachorro se levanta da queda e corre alucinado atrás de Riquelme.

Dentro do carro, de vidros fechados, Capitão Boeing e Laurinha nem percebem a briga entre Riquelme e o cachorro. Enquanto os dois conversam na maior alegria, Riquelme corre feito doido pra tudo quanto é lado com o cachorro na cola dele. O canino consegue morder sua perna e o derruba. Riquelme chuta a cara dele que cai pra trás. O jovem se sente corajoso e pula em cima do cachorro. Pega ele por trás, num mata-leão. O cachorro

fica tossindo, perdendo o ar. Nesse momento, Capitão Boeing liga o carro e vai embora levando Laurinha. Riquelme vê o carro saindo, aperta ainda mais o mata-leão e consegue deixar o cachorro desacordado. Ele se levanta e vai seguindo o carro.

CAPÍTULO V

Na cidade, os capangas do sinhô Robaldo chegam em várias caminhonetes. Atrás deles chega um caminhão. São muitos homens mal-encarados, armados e ignorantes. Eles descem dos carros e saem invadindo as casas. Entram, jogam as pessoas no chão, batem nos homens, e carregam as colheitas das pobres famílias pra dentro do caminhão do chefe. Os cidadãos ficam aflitos, tentam impedir os capangas, mas pegam logo uns tabefes e saem do caminho. As mulheres e crianças ficam chorando, gritando para os brutamontes não levarem a única fonte de renda e alimento deles, mas seus gritos são em vão.

Manga-Rosa chega em frente à casa branca de Riquelme. Os pais estão na porta e pedem para que o capanga não entre. Ele não dá nem bola. Então, o pai de Riquelme se mete na frente de Manga-Rosa. O monstro

o pega pelo pescoço, levanta uns dois metros de altura e joga o velho pro outro lado, fazendo-o cair e bater a cabeça na parede. A mãe corre para ajudá-lo. Manga-Rosa entra, pega tudo o que queria, e logo depois sai levando a colheita da casa de Riquelme.

Após algum tempo de terror e maldade, os capangas vão embora da cidade, deixando-a assolada, e os cidadãos todos sem suas colheitas e seus alimentos.

A alguns quilômetros dali, na propriedade do sinhô Robaldo, Riquelme está abaixado atrás de uma cerca de madeira com arame farpado. Ele está todo sujo, arranhado e mordido, com as roupas rasgadas. Dali ele vê a caminhonete de Capitão Boeing entrar na propriedade. Sabendo que não vai conseguir entrar sozinho nas terras do vilão da cidade, Riquelme corre o máximo que pode e se joga na carroceria do carro. Laurinha e o capanga nem percebem.

Quando o carro se aproxima da casa, Riquelme percebe que Sinhô Robaldo e dois capangas estão de pé na escadaria bem na frente da mansão. A caminhonete chega e estaciona na frente deles. Capitão Boeing desce falando com o chefe:

— Eu disse, chefe! Eu disse que ia trazer ela pro sinhô!

O capanga abre a porta do lado do passageiro e pega na mão de Laurinha pra ajudá-la a descer. Sinhô Robaldo fica fascinado com a beleza da moça.

— Dona Laurinha! Quanta belezura chegando na minha humilde residência. — fala o chefão do mal, deixando Laurinha com as bochechas rosadas.

Riquelme, escondido na carroceria da caminhonete, levanta só um pouquinho a cabeça pra espiar o que tá acontecendo. Ele vê Laurinha sendo galanteada pelo sinhô Robaldo.

— Oxente! O caso da Laurinha não é com o perna seca. Ela tá de enrolação é com o sinhô Robaldo. Arre égua! — ele fala baixinho consigo.

Nessa hora o mundo desmorona para Riquelme. Se já era difícil conquistar a Laurinha com ela sendo casada, imagina agora ela sendo casada com um policial e amante do cabra mais disgramado da região. Já era! O coração de Riquelme se despedaça, uma tristeza mais pesada que todas as sacas de farinha produzidas em São João da Macaxeira recai sobre ele. Não tem mais o que fazer

agora. Ele vê Laurinha toda serelepe entrar com sinhô Robaldo no casarão dele, sendo acompanhados pelos capangas. Quando não tem mais ninguém por perto, o jovem desce da caminhonete cabisbaixo e sem esperanças. É hora de voltar pra casa. Ao colocar os pés pra fora da propriedade, dá de cara com o cachorro de Capitão Boeing babando, rosnando, mostrando todos os dentes. Riquelme arregala os olhos.

— Se lasquei!

Ele sai correndo com o cachorro o perseguindo desvairadamente.

CAPÍTULO VI

Riquelme chega na rua de casa mais suado que chaleira de cuscuz. A camisa e a calça rasgadas, sangue escorrendo pelo braço e pernas. Os cabelos todos alvoraçados. Ofegante, cansado e morrendo de sede. Dois meninos passam correndo ao lado dele. Um deles tem um cântaro de água. Riquelme o toma da mão dele e bebe a água toda. O moleque fica injuriado e sai correndo chorando.

Ao chegar na porta de casa, Riquelme vê seu pai sentado no chão, com a cabeça machucada e sua mãe cuidando dele. Olha para a casa e vê que está tudo de cabeça pra baixo. Ele corre pra socorrer os dois.

— Pai, mãe, o que houve aqui?

— Meu filho, eles levaram tudo! — responde a mãe chorando, aflita.

— O quê? Do que vocês estão falando?

— Tudo, meu filho. A colheita, as comidas, o estoque de farinha. Não sobrou nada nem pra gente comer. — responde o pai entristecido.

— Como assim?! Quem fez isso?

— Foram os capangas do sinhô Robaldo. Estão dizendo que a colheita dele toda morreu por conta de parasita. E pra não ficar no prejuízo, ele roubou a colheita de todo mundo da cidade, pra poder vender. — responde a mãe.

— O quê?! — fala Riquelme sem acreditar no que ouve. — De toda a cidade?

Ele vai até a porta e olha para as outras casas da rua. Vê que estão todas saqueadas, as pessoas nas portas, machucadas ou chorando. Tudo devastado. Uma cena triste.

Riquelme olha para aquilo tudo e não consegue admitir. Quanta injustiça. Já não basta morarem em uma cidade esquecida por todos? Já não basta serem castigados pelo sol o ano inteiro? Já não basta sofrerem com a seca e a falta de água durante toda a vida? Já não basta dependerem todos os dias de vender farinha para ter

o que comer? Já não basta ter o mesmo nome de um jogador meia-boca do maior rival da seleção brasileira? Ou de um baterista de banda de forró? Não poderia ter colocado pelo menos o nome do vocalista? Quanto sofrimento!!! E ainda terem que sofrer, sendo saqueados e violentados por um maldito sem coração!!! E agora, como todos vão sobreviver sem a venda da farinha?

O jovem olha para seus pais jogados no chão, machucados e aflitos, frágeis.

— Primeiro, ele leva a mulher da minha vida. Depois ele leva nossas colheitas e comida. E por último, machuca os meus pais. Não! Isso não vai ficar assim! — fala Riquelme olhando para o horizonte fixamente, sem piscar.

Uma música alta começa a tocar. Não dá pra saber de onde está vindo. A música é “It’s my life” de Bon Jovi, mas sendo cantada por outro artista.

Riquelme sai andando em câmera lenta. Um vento forte sopra e alvoraça seus cabelos. Sua feição é como a de um atendente de repartição pública no final do expediente. Enfurecido! Colérico! Nada vai pará-lo! Outro passarinho cai morto de calor bem ao lado dele. Mas ele não para. Agora ele corre, em câmera lenta com

vento no rosto, em direção ao seu alvo. Prepare-se sinhô Robaldo, a vingança está à caminho. Do nada, o caminhão do Mateus Atacarejo aparece e para bem na frente de Riquelme, que não percebe, e se choca com força no baú de carga do veículo. O motorista e o parceiro olham pela janela, mas não veem Riquelme no chão. Eles se voltam pra dentro da cabine. Agora dá pra saber que a música alta estava vindo do caminhão.

— Cara, essa música é massa. Mas, não é o Bon Jovi que tá cantando, é? — pergunta o parceiro no banco do passageiro.

— Não. Esse CD é do Glee, aí tem todas as músicas que eles cantaram na tv. — responde o motorista todo entusiasmado.

— Glee? Aquele seriado que passava no começo dos anos 2000?

— É! Era massa, né? Eu sei todas as músicas deles! Deu maior luta pra conseguir esse CD aí!

— Cara, tira essa porcaria do rádio agora e coloca uma música que preste!

— Quê??? Tá doido??? Não vou tirar nada!

— Se tu não tirar eu vou arrancar isso à força!

— Tu não tá nem doido!

O parceiro pega o rádio e tenta tirar o CD de Glee, mas é impedido pelo motorista. Os dois ficam brigando e se engalfinhando dentro da cabine.

Riquelme se levanta zozzo. Arrodeia o caminhão ainda tonto. Mas, lembra da sua vingança. Ele olha para o horizonte, o vento forte volta e alvoraça seus cabelos e ele sai correndo novamente.

CAPÍTULO VII

No avarandado do casarão do sinhô Robaldo um capanga está segurando com força uma corda que está amarrada no chifre do cabrito endemoniado e outro capanga do outro lado, segura também uma corda que está amarrada no outro chifre do animal, que está indomável, rosnando, babando, com os olhos avermelhados e arregalados, tentando ferozmente se soltar das cordas. Sinhô Robaldo e Laurinha observam aquela cena de filme de terror. Um padre, amedrontado, todo se tremendo, tenta se aproximar do cabrito. Ele chega bem próximo estendendo seu crucifixo até a testa do bichano. O cabrito para de se debater. Ele olha fixamente para o crucifixo e abaixa a cabeça. O padre respira aliviado por não ter sido atacado. Sinhô Robaldo dá um sorrisinho de satisfação por ver que seu cabritinho está liberto. Os dois capangas afrouxam as cordas, descansando os braços suados. Nesse momento, o cabrito

endemoniado solta um berro ensurdecedor que faz estremecer até o chão. O padre, assustado igual peru em véspera de Natal, se desequilibra e cai pra trás. Sinhô Robaldo e Laurinha tapam os ouvidos também assustados. O cabrito se debate com muito mais força que antes. Os capangas tinham afrouxado as cordas e tentam segurar o bichano de novo, mas agora com muito mais dificuldade. O padre se levanta e vai até o chefe.

— Sinhô, eu não sei o que esse cabrito tem, mas se eu fosse o sinhô, eu tratava de mandar logo ele pro quinto dos infernos. — fala o padre e depois vai embora apressado.

Sinhô Robaldo aperta os olhos achando aquilo muito estranho. “Pra que diabo um diabo iria querer entrar no diabo do couro de um cabrito? Que diabos!” Os capangas continuam tentando segurar o animal. O chefão pega Laurinha pelo braço e a leva pra fora dali.

— Achem alguém corajoso pra acabar com esse inferno nesse cabrito! — ele grita para Manga-Rosa que estava ali perto observando.

Riquelme entra na propriedade do sinhô Robaldo escondido. Vai andando apressado, mas com todo cuidado para não fazer barulho e não ser visto. Ele se abaixa atrás de uma rocha, e de longe consegue ver o chefão passando pela sala do casarão com Laurinha ao seu lado. “Ah, fi de uma muriçoca!” O jovem olha para a lateral da casa e vê as caminhonetes e o caminhão parados. Vários capangas descarregam as colheitas roubadas das famílias da cidade. “Ah, fi de um mosquito da dengue!” Um dos capangas grita que tá na hora do descanso. Todos eles saem dali e deixam a propriedade e as colheitas desprotegidas. Riquelme franze as sobrancelhas. A hora chegou. Não tem mais volta. É hora de salvar Laurinha, salvar a cidade, e fazer justiça! É hora de ser herói! Ele se levanta motivado, de peito estufado, pronto para ser o Jackie Chan do sertão! Mas, sente uma coisa gelada tocar em suas costas e dá um pulo pra frente, virando-se para ver o que lhe tocou, e dá de cara com Capitão Boeing armado com um revólver calibre 38 apontado bem no meio de sua fuça.

— Que tu tá fazendo aqui escondido, Riquelme? — pergunta o perna seca.

Riquelme, o raciocínio mais rápido do sertão nordestino. Quando ele fica encrencado, aí mesmo é que

a cabeça dele trabalha mais ligeiro que caganeira. Pego de surpresa, o jovem ativa sua habilidade peculiar de inteligência das espertezas:

— Ôxe! Eu vim ver aqui se o que o povo da cidade tá falando é verdade! — fala Riquelme.

— Que história é essa, homi? Quê que tão falando?
— pergunta Capitão Boeing curioso.

— Tu me apontando esse trambolho na fuça eu não consigo me lembrar, não!

— Se num falar agora vou abrir tua cabeça de esperteza bem no meio!

— Se tu abrires minha cabeça, e eu morrer bem aqui, nunca vai saber o que eu vim ver e o que o povo tá falando.

Capitão Boeing aperta os olhos. Riquelme é muito cheio de espertezas, o que deixa o brutamontes desconfiado, mas não vê outra saída pra saber o que o povo tá falando e resolve abaixar a arma.

— Cuida! Fala logo: que conversa torta é essa bem aí?

— Então, Capitão Monstrão, depois que vocês arregaçaram com a cidade e deixaram todo mundo na miséria, o povo resolveu se unir pra se vingar...

— Hahahaha, podem vir aqui! Vou meter chumbo em todo mundo!

— Deixe de ser afobado, que eu não terminei! O povo não é burro. Eles não vêm aqui enfrentar vocês. Eles fizeram uma coisa muito pior.

— Pior? — pergunta o perna seca curioso e começando a ficar medroso.

— É, muito pior! Uma coisa sobrenatural!

— Vixi!!! É coisa de espírito??!!!

— Pior que espírito! Homi, tu te lembra do Apóstolo da Unção de Ranca Alma?

— Eita, Riquelme! Eu me alembro! O homi era tão poderoso que ele brigava com os espíritos e rancava até a alma dos homi que tavam possuídos.

— Esse mesmo!

— Mas, ele num tinha morrido?

— Morreu não! Tá vivinho! E o pior: ele tá com um trabalho pra acabar com as lavouras do sinhô Robaldo, pra fazer morrer todas aquelas colheitas que vocês roubaram e ainda deixar vocês tudo cego!

— Ê o quêêêê???!!! Vala-me nossa senhora!!! Isso num é mentira, Riquelme???

— E eu lá sou homem de mentir, Capitão?!

— E agora?! O que a gente faz?

— Eu tenho um plano. Mas, preciso que tu me leves pra falar diretamente pro sinhô Robaldo.

— Ôxe! Tá esperando o quê aí? Vumbora logo!

Capitão Boeing guarda a arma no bolso da calça todo apressado, e sai levando Riquelme pra dentro do casarão, para conversar com o sinhô Robaldo.

CAPÍTULO VIII

— Sinhô Robaldo, a gente vai ficar tudo cego! — chega gritando o aflito Capitão Boeing na sala privativa onde o chefão está conferindo uma montanha de dinheiro. Ao lado dele está Manga-Rosa.

— Rapaz, que disgrama vocês têm hoje??? Toda hora uma coisa... — reclama sinhô Robaldo impaciente. Capitão Boeing se aproxima do chefe.

— É verdade, sinhô! O povo da cidade contratou aquele apóstolo dos infernos pra acabar com as lavouras e deixar a gente cego.

— Quem te contou essa história, Capitão? — pergunta o chefe.

— Foi o Riquelme, sinhô! — ele vira-se para a porta da sala. — Ô Riquelme!!! Entra aê!

Riquelme entra na sala privativa focado no seu objetivo. Ele tem que conseguir levar as colheitas de volta e tirar a Laurinha das mãos imundas do sinhô ladrão. O capitão perna seca já caiu na conversa, agora só falta convencer o chefe dele.

— Conta aí, Riquelme, o que tu ouviste o povo falando lá na cidade! — fala Capitão Boeing.

— Sinhô Robaldo, vossa senhoria é sabedor de que lá na cidade o povo está com uma zanga muito grande com a sua pessoa, não é verdade?!

— E eu ligo pra isso, rapaz? — responde o chefão ríspidamente.

— A questão, sinhô, não é ligar ou desligar. A questão é que o povo tá desesperado. E o sinhô sabe que um povo desesperado é capaz de qualquer coisa.

— Desembucha logo, rapaz!

— Eu estava andando distraído pela rua quando fui atropelado pelo caminhão do Mateus Atacarejo. Quando me levantei, tava tonto igual mosca quando pega choque em raquete elétrica. Mas, consegui escutar a conversa de um amontoado de homens lá da cidade. Eles estavam

falando sobre um trabalho que fizeram com o apóstolo da unção de ranca alma...

— Ôxe! Ele num tinha morrido?

— Morreu nada, sinhô! Tá vivinho! Eu sei até onde ele mora. Lá pra bandas da serra do urubu pelado.

— E daí, que tem a ver comigo essa conversa?

— Eles pagaram o apóstolo pra ele fazer um trabalho forte, o mais forte que ele já fez na vida: fazer as lavouras do sinhô ficarem mortas pra sempre, fazer as colheitas roubadas morrerem secas, e fazer vocês tudinho ficarem mudos e surdos.

— Oxente, Riquelme! Num era cego??? — pergunta Capitão Boeing desconfiado.

— É! Cego... surdo e mudo também! — responde Riquelme, saindo pela tangente.

— Homi! Se eu fosse ter medo de cada ameaça que fazem contra mim nessa região, eu já tinha desistido de isso tudo aqui faz tempo. Pode fazer o trabalho que for, do apóstolo que for. Não tô nem aí! — fala o sinhô Robaldo, voltando a conferir seu dinheiro.

— Aí que vossa senhoria se engana! Num tem um homem vivo que tenha sido alvo dos trabalhos do apóstolo e que ficou ileso. Conta a história de um homem que fez um trabalho com ele e conseguiu o que queria, mas não pagou o apóstolo como combinado. Olhe, esse homem ficou bravo. Ele desfez o trabalho que tinha feito pro cliente e ainda fez um trabalho pior, fazendo-o perder tudo o que tinha. Por último, ele passou dez dias sem comer e nem beber pra purificar o corpo e a mente. Ele ficou tão sobrenatural que com uma única frase arrancou a alma do cliente caloteiro e deixou o homem vagando até hoje pela cidade como um fantasma de filme.

— Vala-me nosso Senhor Jesus!!! — fala sinhô Robaldo se benzendo com o sinal da cruz. Manga Rosa e Capitão Boeing, ao lado dele, também ficam assustados de olhos arregalados.

— Por isso, sinhô, penso que o sinhô deveria levar mais a sério essas questões sobrenaturais de espírito. Se o povo da cidade contratou o apóstolo da unção de ranca alma pra prejudicar o sinhô, então vem chumbo grosso por aí. — fala Riquelme, soltando seu veneno de mentiras para convencer o chefão.

— Riquelme, tu tens razão! — fala o sinhô Robaldo, se levantando da cadeira inquieto. — Eu vou

matar esse apóstolo antes que ele termine o trabalho contra mim!

Riquelme não esperava por essa. Ser um mestre da mentira não é tão fácil assim como parece. Pra contar uma história convincente a pessoa não pode cometer alguns erros: não pode ser espalhafatosa demais; não pode dar brecha para quem escuta perceber que as coisas não se encaixam; não pode colocar personagens que já morreram; não pode ser pego de surpresa por alguma falha na história. E Riquelme cometeu todos esses erros com essa invenção do apóstolo de ranca alma. Mas, ele não tinha tempo, precisava correr para salvar a cidade e a sua amada. Mesmo sendo muito bom em mentir, ele precisou se arriscar com uma história feita em cima da hora.

— Sinhô, por favor, o sinhô num acha que um homem sobrenatural do calibre do apóstolo da unção de ranca alma num tem proteção contra vossa senhoria? Sinhô, siga meu conselho: num mexa com esse tipo de gente.

— Ora, Riquelme! Tu estás me dizendo que um apóstolo fajuto tá me ameaçando e eu tenho que ficar parado sem fazer nada?! Tu sabes quem eu sou, rapaz?!

— Oxente, sinhô! Claro que sei! Mas, com esse tipo de gente a gente não consegue dialogar. Olhe: o sinhô, por acaso, já viu um homem sem alma?

— Arre! Nunca vi não!

— Pois então não queira ser esse homem!

— E o que tu queres que eu faça pra me livrar disso?

— O sinhô faz um acordo.

— Que acordo?

— Chame os homens da cidade, diga que o sinhô vai devolver toda a colheita que foi levada, desde que eles cancelem o trabalho com o apóstolo da unção de ranca alma.

— Sim, assim eu me livro da maldição. Mas, peraí... e quanto as minhas lavouras? Eu vou continuar sem ter o que vender! Não!!! Que se dane essa maldição! Não vou devolver nada!

— Calma, sinhô Robaldo! Veja: faça esse acordo e depois chame o apóstolo pra fazer os parasitas das suas

lavouras morrerem secos. Nunca mais o sinhô vai ter problema com isso.

Sinhô Robaldo fica parado olhando fixamente para Riquelme enquanto pensa. O jovem fica apreensivo sem saber o que o chefe está matutando. Até que ele pisca e abre um sorriso.

— Essa é uma ótima ideia! Manga Rosa, Capitão Boeing! Preparem os carros! Vamos pra cidade agora chamar esses homens pra fazer um acordo! — fala o chefe entusiasmado.

Nesse momento Laurinha entra na sala. Lindíssima, ela acabara de se arrumar. O perfume dos seus cabelos está tão cheiroso que exala por todo o ambiente. Riquelme vê a sua beleza adentrar o recinto e fica embasbacado. Ela nota que Riquelme está ali e fecha a cara.

— Riquelme, não vai me dizer que você veio aqui pra me atormentar a paciência, né?! — pergunta a diva irritada.

— Te atormentar??? — questiona sinhô Robaldo
— Claro que não! Esse garoto veio aqui pra salvar nós tudinho aqui de ficarmos cegos, surdos e mudos.

— Que história é essa? — pergunta Laurinha curiosa e desconfiada.

Riquelme se dá conta de que suas mentiras podem ir por água abaixo. Ele faz gestos com as mãos para Laurinha ficar quieta. Ela nem dá bola. Sinhô Robaldo se aproxima dela e a pega pela cintura.

— Sim, minha bela. O Riquelme contou do trabalho que o povo da cidade fez com o apóstolo da unção de ranca alma pra acabar comigo. Ôxe! Tu não ouviste essa conversa quando estava por lá não?

— É sério que vocês acreditaram nisso? — ela pergunta com desdém.

— Oxente! E por que não? — pergunta o chefão.

— Esse menino é o cabra mais mentiroso do sertão! Toda palavra que sai da boca dele é mentira! Pelo amor de Deus, todo mundo sabe disso! Essa história de trabalho, de maldição, isso é tudo invenção da cabeça dele. Esse apóstolo já até morreu, gente!

Sinhô Robaldo vira-se para Riquelme com a cara fechada, aperta os olhos e serra os dentes. Se tem uma coisa que o chefão odeia é de quem tenta passar a perna nele. Agora Riquelme pegou em fio pelado.

CAPÍTULO IX

Riquelme percebe que não vai conseguir se livrar dessa enrascada. Sem pensar duas vezes ele corre o mais rápido que pode pra fugir dali. Mas, três passos depois, esbarra com a cara no bíceps descomunal do Capitão Boeing e se acaba no chão. O monstro e Manga-Rosa juntam Riquelme do piso e o seguram forte, levando-o de volta pra frente do chefe.

— Sinhô Robaldo... por favor... o sinhô num vai acreditar nas sandices da Laurinha, né...? — fala Riquelme dolorido, nervoso e tremendo mais que carroceria de pau de arara.

— Moleque safado! Tu vens aqui dentro da minha casa, mentir na minha cara, e ainda quer ofender a minha beleza, chamando-a de mentirosa?

— Sua belezura não, né chefe? Ela já tem dono...
— responde Riquelme se arrependendo de imediato do que falou. Em seguida leva um soco na boca do estômago que o faz ficar sem ar. Ele se contorce todo, sendo ainda preso pelos brutamontes.

Sinhô Robaldo se aproxima dele e o agarra pelo pescoço com força.

— Presta atenção, seu “fi de uma calanga desnutrida”: Aqui nessas bandas tudo é meu!!! Se eu quiser que a Laurinha seja minha mulher ela vai ser e pronto! Num importa se ela é casada ou descasada! Se eu quiser pegar todas as colheitas das casas eu vou lá e pego! E ninguém vai fazer nada! — fala o chefão inflamado de ódio, soltando o pescoço de Riquelme logo em seguida. Vira-se para os dois jagunços e fala: — Vumbora! Levem esse mal-acabado lá pra detrás da casa de farinha e deem um fim nisso. Já aconteceu muita confusão num dia só.

Neste exato momento, o cabrito endemoniado entra na sala bruscamente. O cabrito solta um berro ensurdecedor. Todos se assustam na sala ao ver a cena horripilante. Sinhô Robaldo olha assustado pro bicho.

— Como esse cabrito saiu da gaiola? — pergunta o chefe.

O bichano sai correndo em direção a sinhô Robaldo, Riquelme e os brutamontes.

— Jesus, Maria, José! Lá vem o demônio! — fala Capitão Boeing morrendo de medo.

Riquelme arregala os olhos, surpreso. Ele nunca tinha visto um cabrito com diabo no couro. Aliás, ele nunca tinha visto ninguém com diabo no couro. O cabrito furioso com os olhos avermelhados e arregalados se aproxima na maior velocidade. Ninguém consegue pará-lo. Do jeito que ele tá vindo vai fazer um strike, abalroando em todo mundo. Manga-Rosa, Riquelme e Capitão Boeing se jogam de qualquer jeito pra longe do caminho do cabrito. O bicho passa correndo por eles, sem os atingir. Sinhô Robaldo, que estava bem atrás deles, não consegue sair a tempo e é atingido na bunda pelos dois pequenos chifres pontiagudos do cabrito. O chefão cai no chão gritando e choramingando igual uma criança. Ele leva a mão as duas nádegas furadas sangrando.

— Aaaaaaiiiiiiii!!! Cabrito desalmado!!! Furou a minha bunda!!!! — grita o sinhô.

O cabrito chega ao fim da sala e dá meia volta, virando-se de frente para todos novamente. Os capangas estão todos olhando pra ele. Manga-Rosa, Riquelme e

Capitão Boeing ainda estão no chão se levantando. Sinhô Robaldo está jogado no chão sangrando, reclamando. Laurinha está de pé em cima da mesa. O cabrito arregala os olhos rubros como uma pimenta malagueta. Começa a baforar pela narina. Rosna com os dentes a mostra, babando. Ele está descontrolado. Risca o piso da sala, puxando a pata direita para trás, igual um touro bravo numa tourada espanhola. Ele encara o sinhô Robaldo. O chefe olha pra ele com medo, mas logo depois sente pena, entristecido. Ele acompanhou esse cabrito desde quando ainda estava na barriga da mãe. Fez tudo de melhor para ele nascer bem. No dia do parto, algo estranho aconteceu, a mãe do cabrito passou muito mal, sinhô Robaldo e seus homens tentaram o que puderam para mantê-la viva, mas não conseguiram. O chefe viu aquele cabritinho pequenino sozinho no mundo. Não resistiu. Levou-o pra casa, e o criou como um filho que nunca teve. O animal foi crescendo bonito, forte, muito animado. Sinhô Robaldo o levava pra todo canto que ia. Os dois eram inseparáveis. Até que, em uma certa madrugada, o chefe acorda escutando gritos estrondosos do cabritinho. Correu para o quarto dele (sim, ele tem um quarto só pra ele) e o encontrou deitado no chão se debatendo, babando e berrando. Sinhô Robaldo o abraçou e tentou fazê-lo se acalmar, mas o bicho ficou mais nervoso ainda. Levantou-se num pulo só e correu ferozmente atrás do

“pai”. Sinhô Robaldo correu a casa toda sendo perseguido pelo cabrito. Até que Manga-Rosa pulou em cima do animal e o derrubou. Na manhã seguinte, o cabritinho precisou ser preso em uma gaiola que fizeram pra ele. E desde aquele dia ele segue atormentado. Sinhô Robaldo já fez de tudo, mas não consegue libertar o cabrito da maldição.

— Meu cabritinho... tão novinho passando por todo esse sofrimento... — fala o chefe, deixando escorrer uma lágrima de seu olho. Em seguida puxa seu revólver da cintura e aponta para o animal. — É hora de acabar com seu tormento, meu filho...

O cabrito solta outro grito horripilante e corre com toda a força em direção ao sinhô Robaldo. O chefe, aponta o revólver pra ele, mira direitinho, fecha um dos olhos e lacrimeja com o outro. Com muita dor no coração, sinhô Robaldo solta um brado de angústia antes de apertar o gatilho.

— Aaaaaaahhhhhhhh!!!!

O animal pula em cima dele para atacá-lo e o sinhô fecha os olhos e atira.

Quando abre os olhos, sinhô Robaldo vê que a bala atingiu o teto do casarão. Sem entender o que aconteceu, olha para os lados, até que vê o cabrito deitado no chão agarrado por Riquelme. O jovem pulou antes do tiro e conseguiu se agarrar com o animal, tirando ele da rota da bala. Manga-Rosa e Capitão Boeing logo chegam para ajudar o garoto, e seguram com força o cabrito.

— Riquelme, por que você fez isso? — pergunta sinhô Robaldo.

— Sinhô... eu sei como libertar o cabritinho!

CAPÍTULO X

Nos fundos do casarão do sinhô Robaldo tem uma casa de farinha. O local é bem amplo e aberto, do tamanho de uma quadra de basquete, com um telhado para proteger da chuva. No lado esquerdo tem um forno à lenha enorme, quase que tomando toda a extensão da lateral. O forno parece um palco de show, a farinha é despejada em cima dele e fica ali assando. Debaixo desse forno é oco, onde é colocada a lenha para deixá-lo quente. Próximo a ele tem uma máquina grande de triturar as mandiocas. Ao lado dela tem uma prensa de uns dois metros e meio de altura por dois de largura. Do outro lado da quadra tem um local de quebra da mandioca, tipo um tanque, onde as mandiocas são jogadas dentro e quebradas com uma machadinha. Ao lado desse local tem um outro tanque maior com uma peneira grande. Na lateral direita da casa de farinha tem inúmeras sacas de farinha daquelas bem grandes, prontas para serem vendidas, todas enfileiradas.

O meio da quadra fica um espaço vazio para os funcionários fazerem o descasque da mandioca.

Riquelme está bem no meio da casa de farinha sentado numa cadeira. Ao lado dele estão Manga-Rosa e Capitão Boeing. Um pouco atrás deles está o cabrito preso dentro da gaiola. Ao redor têm vários funcionários sentados no chão descascando mandioca. Sinhô Robaldo chega mancando na casa de farinha com Laurinha. A bunda do chefe tem dois curativos grandes, um em cada nádega. Ele chega expulsando todos os funcionários dali, ficando somente os brutamontes, Laurinha e Riquelme junto com ele.

— Olhe, garoto, num é porque tu salvaste o cabrito de levar uma bala entre os olhos que eu esqueci o que tu fizeste. Tu és mentiroso e enganador! Como eu posso acreditar nessa história de que tu sabes como libertar o cabritinho? — pergunta o sinhô, desconfiado.

— Sinhô, eu já aprendi a minha lição aqui. Mentir pro sinhô é pedir pra ver Jesus antes da hora. Eu ainda num quero isso não. — responde Riquelme, já começando a atizar suas habilidades persuasivas.

— Acho bom mesmo! Mas, deixe de enrolação e me diga logo o que precisa ser feito!

— A coisa não é simples. O sinhô deve ser sabedor de que a minha pessoa é crente evangélica protestante desde que nasci, num é verdade?

— Num sei de nada disso...

— Oxente! Pergunte a Laurinha, homi!

— É... isso aí ele tá falando a verdade. — responde Laurinha.

— Pois, pronto! Todo crente de nascença aprende desde pequenininho a tirar bicho do couro dos outros. — fala Riquelme sem nem tremer a cara.

— Vixe! Desde criancinha? E vocês num ficam com medo não, é? — pergunta Capitão Boeing curioso.

— Que medo o quê, homi! Com dez anos o pai crente manda o filho crente pra um teste de sobrevivência, pra saber se ele é e vai ser crente de verdade pra sempre. Ele pega o filho e coloca num quartinho escuro sozinho com uma cobra. Vocês sabem né, que a cobra é o próprio capiroto em pessoa?

— Que conversa é essa? — pergunta sinhô Robaldo, estranhando.

— Ôxe! Pois, veja lá na Bíblia, em Gênesis. Lá fala tudinho, tim tim por tim tim.

— Éguas! Eu num sabia disso aí não ó! — exclama Capitão Boeing.

— Eu sei disso tudo, conheço a Bíblia de trás pra frente. — fala Riquelme.

— Mas, e o que acontece com a criança sozinha no quarto com a cobra? — pergunta o sinhô.

— Aí depende! Se a criança for crente de verdade, ela vai ter que vencer a cobra. Seja não caindo na conversa dela, seja convencendo a capirota a ir embora. Mas, se a criança não for crente, é fatal!

— Vala-me! Queria ser filho de crente não! — exclama Capitão Boeing.

— Riquelme, pare de enrolação e diga logo o que isso tem a ver com meu cabrito! — fala irritado o chefe.

— Sinhô, se eu tô aqui vivo, é porque eu venci a cobra. Num tem capiroto que eu não consiga mandar embora! Me deixe conversar com seu cabritinho dez minutos, e eu resolvo essa maldição na vida dele!

— Rum! Essa história num tá me cheirando bem!
— fala desconfiado sinhô Robaldo. — E por que é que tu ias querer salvar meu cabritinho se até ainda há pouco tu querias me enganar?

— Sinhô Robaldo, o sinhô é um homem de muitos negócios. Sabe que tudo nessa vida tem um preço. Eu disse que num ia mais mentir pro sinhô, e num vou. Eu liberto o seu cabrito da maldição e o sinhô me deixa ir embora vivinho.

— Tu és muito sem-vergonha mesmo, né moleque safado?! Quer me enrolar de novo???

— Jamais, sinhô! Já aprendi minha lição. O que quero é só voltar pra minha casa e viver minha vidinha medíocre.

Sinhô Robaldo olha bem pra cara de Riquelme. Ele tem absoluta certeza de que o jovem o está enganando mais uma vez. Mas, o que pode fazer? Ninguém conseguiu libertar o pobre do cabritinho desse tormento. O chefe olha para o seu animalzinho dentro daquela gaiola. Como deve estar sofrendo o bichinho.

— Riquelme, tu tens dez minutos. Se acabar o tempo e aquele animal ainda tiver com o bicho no couro,

teus pais vão ter que te enterrar de caixão fechado. — fala o chefe encarando Riquelme. O jovem engole seco com os olhos arregalados.

— Se preocupe não, sinhô... — ele responde, nervosíssimo.

CAPÍTULO XI

Riquelme se aproxima da gaiola do cabrito. O animal começa a se enfurecer e se debater. No caminho o jovem vai matutando no que fazer. Ele se jogou pra salvar o cabrito, porque viu uma oportunidade de chantagear o chefe para deixá-lo vivo. Essa estratégia deu certo, mas pra acontecer de verdade, ele precisa libertar o cabrito da maldição. Mas, como???

Sem conseguir chegar a uma solução, Riquelme encosta na gaiola. O cabrito dá várias cabeçadas nas barras de ferro tentando atingir o jovem, que se afasta.

— Xiiii... êêpa! Calma cabritinho, calma... — fala o jovem, estendendo a mão para acalmar o animal. Mas, logo em seguida, leva uma cabeçada na mão, e a retira com rapidez. Riquelme se ajoelha no chão em frente a gaiola e assume um tom de fala e gestos como de um exorcista de filme de terror.

— Oh, Senhor, reveste-me com teu poder! — ele fala e faz o sinal da cruz três vezes. Capitão Boeing franze as sobrancelhas.

— Ôxe! E crente faz sinal da cruz é? — pergunta o perna seca.

— E eu que sei, homi! — responde Manga-Rosa.

Riquelme continua seu ritual de exorcismo de mentira. Ele coloca a mão na grade da gaiola, como que impondo sobre o animal.

— Eu te ordeno, coisa ruim, sai deste corpo que não te pertence! Saaaai!

O cabrito fica mais ensandecido ainda. Se bate pra todo lado, rosna e berra muito alto. Ele dá várias cabeçadas na gaiola tentando atingir Riquelme, que se assusta com o descontrole do animal. Sinhô Robaldo e Laurinha assistem desconfiados. Riquelme percebe que não está sendo convincente, se levanta e tenta novamente.

— Eu te ordeno, coisa ruim, sai deste corpo que não te pertence! Saaaaai, diacho!

Nessa hora o cabrito cai no chão imóvel. Todos ficam completamente admirados. Sinhô Robaldo arregala

os olhos. Riquelme nem acredita no que acaba de acontecer. Ele é o que fica mais surpreso.

— Ele voltou ao normal? Meu filho voltou ao normal? — pergunta o sinhô Robaldo feliz. Mesmo mancando, ele se apressa, pega a chave do cadeado da gaiola e o abre. Em seguida, entra e se abaixa colocando a cabeça do cabritinho no seu colo.

— Pronto, meu lindinho. Agora tá tudo bem. Não tem mais sofrimento.

Quando o chefão termina de falar, o cabrito abre os olhos bruscamente. Agora estão mais vermelhos do que antes. O animal solta um berro daqueles de quebrar qualquer janela. Sinhô Robaldo se assusta e cai no chão. O cabrito se levanta de um pulo só e fica de frente pro “pai”. Riquelme do lado de fora olha amedrontado.

— Eita, lasqueira! Vou me dar mal de novo! — fala o jovem prevendo a tragédia.

Sinhô Robaldo se levanta o mais rápido que pode desesperado, mas com os ferimentos na bunda fica mais lento. O cabrito aproveita e o ataca dando outras chifradas na sua bunda, no mesmo lugar de antes. O chefão grita de dor enquanto o sangue escorre pela roupa. Manga-Rosa

joga uma corda e enlaça a cabeça do animal, em seguida puxa com força fazendo-o cair pra longe do sinhô Robaldo. Capitão Boeing entra na gaiola e tira o chefe de lá. Manga-Rosa larga a corda e tranca a gaiola no cadeado. Sinhô Robaldo olha furioso para Riquelme.

— Amarrem esse arrombado!!!!

CAPÍTULO XII

O caminhão do Mateus Atacarejo chega na casa de farinha para ser carregado. O mesmo motorista e seu parceiro estão na cabine. Até agora tocam as músicas de Glee no rádio do veículo. O parceiro segue indignado, enquanto o motorista se remexe. O caminhão estaciona bem próximo dos sacos de farinha. O motorista e o parceiro descem e começam a carregar os sacos de farinha e os colocam dentro do caminhão.

Riquelme está sentado na cadeira no meio da casa de farinha. Amarrado à cadeira no tronco e braços, e nas pernas. Manga-Rosa e Capitão Boeing estão ao seu lado. O cabrito está na gaiola logo atrás deles. Sinhô Robaldo chega mancando mais ainda, sendo apoiado por Laurinha. A bunda dele agora está toda coberta por curativos.

— Olhe, garoto, se tu não fosse morrer agora, eu até te contrataria pro meu bando. Eu tenho que admitir que tu tens uma habilidade especial. Pra uma pessoa

conseguir me enganar é difícil. Me enganar duas vezes é impossível. Mas, tu conseguiste. Parabéns! Só não vai ter muito tempo pra comemorar! — ele termina a frase puxando o revólver da cintura e apontando para a cara de Riquelme. — Ah, e só por causa das tuas mentiras, eu vou te matar, matar teu pai, tua mãe, teu pastor, e quem mais se meter na minha frente. E o povo dessa cidadezinha nunca mais vai ter paz, pra aprender a não se meter com sinhô Robaldo Silveira.

Nesse momento, o Riquelme enxerga tudo em câmera lenta. O cano do revólver bem na frente da sua testa. Está tão próximo que ele consegue olhar lá dentro do cano. Sinhô Robaldo, atrás do revólver não tem qualquer pretensão de não dar aquele tiro. Ao seu lado, os brutamontes olham a cena com uma cara de satisfação. E até a Laurinha, dá pra ver que ela assiste a cena sem lamentar. Riquelme fecha os olhos e sua vida inteira passa em sua mente nesse momento. Sua infância com seus pais trabalhando duro no sol quente que castiga, mas nunca deixando de ter tempo para brincar e se divertir com o filho. A perseverança deles em dar-lhe uma educação boa, ensinar-lhe os princípios e valores cristãos, o esforço deles para que o filho conhecesse a Jesus na Bíblia, na oração, na comunhão, no relacionamento. Mas, Riquelme percebe que nunca tinha parado pra perceber tudo isso.

Muito pelo contrário, ele achava isso até irritante. Começou a inventar histórias exatamente pra se livrar de ter que orar, ler a Bíblia, ir pra igreja. Quando percebeu que era bom em inventar mentiras, se empolgou com isso. A mentira passou a tomar conta da sua vida, fazer parte da sua personalidade, do seu caráter. A mentira passou a ser a sua melhor amiga. E ela o cegou. Por muitos anos, o jovem Riquelme não conseguiu mais enxergar que a mentira se apossou dele e estava destruindo a sua vida pouco a pouco. Parando pra refletir, ele percebe que todas as histórias que inventou e mentiras que contou não o levaram ao resultado que ele queria. Mas por estar cego ele nunca tinha percebido isso. Toda essa habilidade especial que ele se vangloriava de ter, nunca o ajudou em nada de bom em sua vida. Por fim, ele usou todas as suas armas para salvar a cidade e conquistar a sua amada, e agora está a um segundo da morte, e por causa de suas mentiras, seu pai e sua mãe irão sofrer nas mãos dos jagunços, e toda a cidade será prejudicada.

Ao perceber tudo isso, um sentimento profundo invade o peito de Riquelme. Algo que ele nunca tinha sentido antes em toda a sua vida. Não é medo, não é desespero, não é angústia. É algo muito maior. Intenso. Entranhável. Algo que não vem dele. Certeza que não

vem dele. Lágrimas escorrem do seus olhos fechados. E ele entende o que é aquilo.

— Perdão, Senhor. Pequei contra Ti. — sussurra.

Logo em seguida, um tiro.

CAPÍTULO XIII

Após o tiro, o motorista e o parceiro do caminhão do Mateus largam os sacos de farinha e saem correndo desesperados.

Riquelme abre os olhos. Ainda está vivo. Sem entender nada, expira forte com alívio, sem acreditar. Olha para frente e vê o sinhô Robaldo com o revólver na mão, olhos arregalados, procurando saber que tiro foi esse. Do seu lado vê Manga-Rosa e Capitão Boeing com as armas na mão, também procurando. Laurinha se esconde atrás do sinhô Robaldo. Ouve-se um grito.

— Laurinhaaaaa!!!

A beldade estica o pescoço tentando olhar quem a está gritando, e não gosta nada do que vê.

— Eita, diacho! É o meu marido!!!

Riquelme nem tava se lembrando. Quando saiu de casa zangado, disposto a se vingar, andou em câmera lenta com o vento nos cabelos e foi atropelado pelo caminhão do Mateus, se levantou, mas não foi direto para o casarão do sinhô Robaldo. Lembre-se: Riquelme tem o raciocínio mais rápido do sertão. Antes de seguir com seu plano de vingança, ele precisava de um plano B. Chamou o meninozinho que ele tinha tomado o cântaro de água e prometeu devolvê-lo pra ele, caso ele fizesse uma coisa: levasse um bilhete para o policial Rocha, lá na delegacia. O moleque levou, mas Riquelme não devolveu o cântaro e ele ficou chorando de novo. O policial Rocha recebeu o bilhete, que tinha escrito: “Quatro da tarde, no casarão do sinhô Robaldo. Vai ver o que tua mulher tá aprontando!”. Eu sei, você também deve ter pensado que era um bilhete misterioso, ou alguma charada. No Nordeste num é assim não. Se o cabra é corno ninguém enrola ele não, fala logo na bucha mesmo. E não deu outra: o policial Rocha chamou seus dois agentes especiais anões gêmeos, juntou toda a artilharia de três revólveres e três galhos de goiabeira verde, e se prepararam para a ação. Quando deu às três da tarde, eles entraram escondidos na propriedade do chefão. Seguiram devagarzinho para não serem notados, até que perceberam uma movimentação nos fundos, lá na casa de farinha. De longe, se esconderam atrás de uma rocha grande. Ficaram observando, até que

um dos anões deu um tiro sem querer. O policial Rocha franze as sobrancelhas e olha pra ele bravo.

— Que diabo foi isso, Zero Um? — pergunta Rocha, dando uma bisca na cabeça do anão.

— Desculpa, chefe! Meu dedo é curtinho, aí triscou aqui sem querer...

— Seu jumento! Agora eles vão saber que a gente tá aqui! — exclama o anão Zero Dois.

— Num tem mais jeito agora! Vumbora tirar a Laurinha daqui! — fala Rocha e depois grita: — Laurinhaaaaa!!!

A beldade estica o pescoço tentando olhar quem a está gritando, e não gosta nada do que vê.

— Eita, diacho! É o meu marido!!!

— Arre égua! Num é que deu certo! — exclama Riquelme.

— É a polícia! Estão atirando na gente! Atirem neles!!!! — ordena sinhô Robaldo aos berros.

Capitão Boeing e Manga-Rosa atiram nos policiais, que se escondem atrás da pedra pra não levarem tiro. Zero Um aponta para os capangas, mas na hora de atirar é mordido por uma formiga, e o tiro sai na direção do caminhão do Mateus Atacarejo. Incrivelmente a bala atinge o rádio, que dá uma pane e aumenta o volume no máximo, tocando a música “Holding out for a Hero” na versão de Glee.

Começa um tiroteio descontrolado. Os policiais atiram diversas vezes nos vilões, que tentam se proteger atrás dos objetos na casa de farinha. As balas atingem os sacos e voa farinha pra todo lado. Capitão Boeing e Manga-Rosa se escondem atrás do triturador, sinhô Robaldo sai mancando e leva Laurinha com ele, se escondem atrás da prensa. Riquelme está preso, amarrado na cadeira, no meio da casa de farinha, vulnerável as balas perdidas. Ele grita desesperado, com os olhos arregalados.

— Me tira daqui! Me tira daquiiiiiiii!!!

O cabrito fica descontrolado novamente, batendo na gaiola furioso. Riquelme se joga pra trás e cai de costas, ainda amarrado na cadeira.

Do outro lado, os policiais se escondem atrás da pedra, e revidam os tiros.

— Zero Um, isso não vai dar certo! Uma bala dessas pode pegar na Laurinha! A gente tem que tirar ela de lá! — grita Rocha.

— Deixa comigo, Comando! Eu vou resgatar a tua amada! Me deem cobertura!!!

O policial Rocha e Zero Dois se levantam e atiram em sequência nos vilões. Zero Um aproveita a brecha e sai correndo até a casa de farinha. Em alta velocidade ele se aproxima do sinhô Robaldo para atacá-lo. Quando pula pra cima dele, leva um soco do Capitão Boeing nas costelas, que o faz voar pro outro lado e bater com as costas num saco de farinha, se acabando no chão.

— Nããããããoooo!!! – grita Zero Dois.

O policial Rocha percebe que Capitão Boeing saiu do esconderijo para atacar o Zero Um e atira na perna dele. O brutamontes grita de dor e se joga no chão. Sinhô Robaldo atira nos policiais, mas atinge a pedra. Manga-Rosa se levanta e puxa o Capitão Boeing pra detrás do triturador. Riquelme ainda está gritando com medo das balas. Ele olha para o lado e vê a machadinha no chão.

Tenta se arrastar até ela. Manga-Rosa atira no policial Rocha e quase o acerta. O policial revida, mas a bala atinge a gaiola do cabrito, exatamente no cadeado, quebrando-o e deixando a porta aberta.

— Comando, eu tenho que achar o meu irmão! — fala Zero Dois.

— Vai, vai! Eu te dou cobertura! — responde Rocha.

Rocha se levanta e atira várias vezes. Zero Dois corre na maior velocidade até a casa de farinha e, ao chegar lá, se joga atrás dos sacos de farinha, procurando por seu irmão. Riquelme chega na machadinha. Ele vira-se e utiliza a ponta da ferramenta para cortar as cordas das suas mãos. Quando consegue livrar as mãos, pega a machadinha e corta as cordas dos pés. Se prepara pra correr, mas dá de cara com o cabrito endemoniado rosnando furioso. Riquelme sai correndo pela casa de farinha sendo perseguido pelo cabrito do mal e tentando se desviar das balas que voam pra todo lado.

Sinhô Robaldo atira várias vezes no policial Rocha mas não o acerta.

— Num era esse teu marido que era medroso? —
ele pergunta para Laurinha.

— Ele não é medroso coisa nenhuma!!!

— Tu tá do lado dele ou do meu, mulher???

Manga-Rosa vai atirar, mas sua munição acaba. Nesse momento ele é acertado por uma saca de farinha e cai no chão. Quem jogou foram os anões gêmeos. Capitão Boeing no chão, ferido, pega sua arma para atirar nos anões, mas leva um chute do policial Rocha bem no meio da fuça e fica desacordado. Sinhô Robaldo perdeu seus capangas e se vê sozinho com Laurinha. O policial Rocha, Zero Um e Zero Dois já estão na casa de farinha, fazendo um cerco para ele não fugir. Todos apontam a arma para o chefão, que agarra Laurinha como refém e coloca a arma na cabeça dela.

— Nem se mexam, ou meto bala na cabeça dela!!!
— fala o sinhô.

— Robaldo, tá maluco???! — pergunta Laurinha
desesperada.

— Não faça isso, sinhô Robaldo! — grita Rocha.

— Se ela não vai ser minha, então não vai ser de mais ninguém!!! Se afastem!!!

Riquelme continua correndo pela casa de farinha com o cabrito correndo atrás dele. Até que passa próximo do policial Rocha e o cabrito escorrega na farinha e derruba o policial. Sinhô Robaldo aproveita a distração de todos, dá um tiro na direção dos anões, que se abaixam, e sai correndo levando Laurinha como refém, pra frente do casarão. O cabrito se levanta e corre pra longe.

— Policial Rocha! Ele levou a Laurinha! — grita Riquelme. — Vumbora atrás dele!

Sinhô Robaldo entra numa caminhonete e arranca a toda velocidade. Os policiais e Riquelme correm, mas não chegam a tempo.

— O que vamos fazer agora, Comando? — pergunta Zero Dois (ou Zero Um, eu já nem sei).

Riquelme olha para o cenário, pensa um pouco e vê uma solução.

— Eu tenho uma ideia!

CAPÍTULO XIV

Sinhô Robaldo dirige a caminhonete em alta velocidade na estrada de chão batido. Fica com a arma apontada para Laurinha, para que ela não tente impedi-lo.

— O que tu tá fazendo, Robaldo? — pergunta Laurinha apreensiva.

— Cala a boca, sua mucura traidora! — ele grita levantando a mão para bater nela, mas nesse momento o caminhão do Mateus Atacarejo tocando a música alta se atravessa na frente da caminhonete. O chefão pega no volante apressado para não bater o carro. No caminhão do Mateus, Riquelme está dirigindo e o policial Rocha no assento do passageiro.

— Para o carro, sinhô Robaldo!!! — grita Rocha.

Sinhô Robaldo aponta a arma e atira no caminhão, mas Riquelme faz uma manobra evasiva e a bala não os acerta.

— Tem como trocar de música? — pergunta o policial Rocha.

Riquelme pisa fundo e acelera o caminhão, que fica lado a lado com a caminhonete novamente.

— Policial Rocha, tu tens que pular pra carroceria da caminhonete e tirar a Laurinha de lá! Igual nos filmes! — fala Riquelme.

— Arre égua!!! Tá doido?! Nos filmes são os dublês que pulam!!!

— O Tom Cruise não tem dublê!!! Ele que pula!!! Seja o Tom Cruise, policial!!!

— Eu posso ser o Tom Cruise! — sussurra Rocha, e se empolga. — Vai, encosta na carroceria!

Riquelme diminui um pouco a velocidade e a cabine do caminhão fica paralela a carroceria da caminhonete. O policial Rocha abre a porta do passageiro do caminhão e depois dá um chute com força nela que a faz ser arrancada. Os dois veículos estão em altíssima

velocidade. A estrada de chão batido faz os pneus deslizarem. Rocha se segura na beirada da porta.

— Chega mais perto!!! — fala o policial.

Riquelme aproxima o caminhão bem colado com a caminhonete. Rocha se prepara, e pula! Ele cai dentro da carroceria, como planejado. Riquelme acelera o caminhão e tenta distrair sinhô Robaldo, jogando o veículo pra cima do dele. Com isso, o chefão não percebe o policial Rocha esgueirado na porta do passageiro da caminhonete, puxando Laurinha para a carroceria. A mulher sai pela janela da porta e é segura pelo marido. Sinhô Robaldo percebe que foi enganado e vê as pernas de Laurinha saindo pela janela. Ele pega uma das pernas dela e puxa pra fazê-la voltar pra dentro. A beldade tenta se libertar dele, mas não consegue. Riquelme vê o que está acontecendo e joga o caminhão pra cima da caminhonete novamente. Sinhô Robaldo solta a perna de Laurinha para pegar o volante e não perder o controle. Nesse momento ela sai com tudo e cai na carroceria em cima do marido. Os dois se olham nos olhos.

— Rocha, eu sou uma idiota! — fala a beldade.

— Depois conversamos. Primeiro precisamos sair daqui!

Sinhô Robaldo fica furioso. Grita dentro do caminhão inconformado. Não tem mais nada que ele possa fazer pra se livrar. Ele pega a arma em cima do banco e olha irado para Riquelme:

— Vai mentir no inferno, “fi da disgrama!” — o chefão atira no pneu do caminhão. Riquelme perde o controle do veículo. O caminhão fica derrapando pela pista. Não tem jeito, vai capotar. Policial Rocha olha assustado para a cena. Laurinha põe a mão na boca apavorada. O caminhão perde velocidade e a caminhonete vai passando dele e se afastando. Riquelme larga o volante, se apressa para o lado do passageiro. A única saída é pular para a carroceria da caminhonete.

— Tom Cruise não tem dublê. — ele fala e pula.

Voando no ar, em câmera lenta (de novo), Riquelme se aproxima da carroceria da caminhonete. Mas, o veículo já está muito longe, e ele não consegue chegar. Riquelme vai caindo direto no chão. O jovem fecha os olhos sabendo que aqueles são seus últimos segundos de vida. O policial Rocha e Laurinha arregalam os olhos. E, incrivelmente, Riquelme cai sentado, em cima do cabrito endemoniado que chegou atrás da caminhonete em altíssima velocidade à tempo de salvar o

jovem. Riquelme abre os olhos sem acreditar que aquilo é possível.

— Wooooohhooooo!!!! — grita o jovem sorridente montado em cima do cabrito à toda velocidade. O animal olha pra ele e aperta os olhos.

O policial Rocha e Laurinha olham para aquilo admirados. Riquelme acelera o cabrito e fica na cola da caminhonete. Sinhô Robaldo olha pelo retrovisor e coloca o braço com a arma apontada pra fora atirando neles.

— Policial Rocha!!! Me dê a Laurinha!!! — grita Riquelme.

O policial Rocha entende o plano de Riquelme e consente com a cabeça. Ele ajuda Laurinha a chegar na ponta da carroceria e ela pula, caindo montada no cabrito logo atrás de Riquelme. O bichano desacelera e toma outra direção. Na mesma hora, o policial Rocha pega seu revólver, se coloca pra fora da carroceria e atira no pneu da caminhonete. O veículo perde o controle e capota muito alto. O policial Rocha se joga pra fora do carro, que segue capotando.

Riquelme, Laurinha e o cabrito chegam até onde Rocha está no chão se levantando. Riquelme estende a mão e o ajuda. De pé, os três conversam francamente.

— Obrigado, Riquelme. Eu sempre soube que tu gostavas da minha mulher, mas tu agiste com sabedoria ao me avisar sobre o que estava acontecendo. — fala o policial.

— Eu nunca deveria ter atrapalhado o relacionamento de vocês. Espero que um dia possam me desculpar por tantas presepadas.

— Todos erramos. O mais importante, é se arrepender dos erros e não voltar a cometê-los. — responde Rocha.

— Eu sei que sou a mais errada aqui. Nunca mais vou olhar pra outro homem, que não seja o meu herói aqui. Viu como ele não tem nada de medroso?! Me perdoa, meu lindinho? — fala Laurinha, arrependida.

— É claro, minha batata doce. — responde o policial todo meloso.

O casal se beija ali mesmo. Riquelme olha para o cabrito sorrindo. O cabrito vira a cara.

— Ei, cabritinho. Tu não estás mais possuído. O que houve? – pergunta o jovem. O cabrito só esfrega a cabeça na perna de Riquelme, com carinho. — Acho que o teu problema era com o chefão do mal, né?!

Mais lá na frente, nos escombros do caminhão, o sinhô Robaldo sai se arrastando, todo quebrado, sangrando por todo lado.

— Vaso ruim num quebra, né? — fala o policial Rocha, parado de pé em frente ao chefão, ladeado por Riquelme, Laurinha e o cabrito.

CAPÍTULO XV

Riquelme, Rocha, Laurinha e o cabrito chegam na rua principal da cidade, andando lado a lado, de peitos estufados, os heróis de São João da Macaxeira. Atrás deles vem andando sinhô Robaldo, Manga-Rosa e Capitão Boeing algemados. Mais atrás vem o caminhão da propriedade do sinhô Robaldo, sendo dirigido pelos anões gêmeos.

A população toda sai para as portas das casas. Todos admirados olhando para os heróis triunfantes e os vilões capturados.

Os anões gêmeos param o caminhão e abrem o compartimento de carga, mostrando que trouxeram todas as colheitas de volta. A população toda se alegra, vibra e comemora. É dia de festa na cidade da farinha.

Os pais de Riquelme saem na porta e o veem chegar. Eles correm e o abraçam, chorando.

— Meu filho, que perigo tu correste! — fala a mãe, em lágrimas.

— Filho, perdoa a gente por ter falado aquelas coisas... — fala o pai entristecido.

— Pai, mãe, eu que devo pedir perdão. Vocês são o meu maior exemplo e eu nunca os valorizei. Eu estava cego por uma vida de mentiras e não conseguia enxergar a riqueza que Deus tinha me dado: vocês.

— Ah, meu filho! Glória a Deus por isso! — fala a mãe.

— Sim, glória a Ele. Eu me arrependi de tudo de errado que fiz, principalmente das mentiras que contei. Jamais quero fazer isso de novo. O Senhor me deu uma nova chance. Vou viver pra Ele. Vou viver a Verdade!

— Glória ao Senhor, meu filho! Glória ao Senhor! — fala o pai, enquanto todos se abraçam.

Alguns dias depois, no culto matutino do domingo na igreja Assembleia de Deus de São João da Macaxeira, o pastor Irineu ordena os pais de Riquelme para a diaconia. Toda a igreja aplaude o reconhecimento dos irmãos. Riquelme abraça os pais com muita alegria.

Na semana seguinte, no Festejo da Macaxeira, Riquelme e o policial Rocha recebem o “Certificado de Cidadão Exemplar” das mãos do prefeito Toinho Grilo. A cidade toda comemora a festa dos heróis. Os pais do jovem estão na primeira fila, orgulhosos do filho.

Na prisão, Riquelme leva o cabritinho para visitar o sinhô Robaldo. Riquelme sabe que, apesar de ser o vilão do mal, o chefão amava aquele cabritinho. Ao chegar na sala de visitas e olhar o cabrito, o chefão se acabou de chorar e correu para abraçar o animalzinho. Mas, quando o cabrito olhou pra ele, seus olhos avermelharam, sua boca encheu de baba, ele começou a berrar e correr atrás do antigo dono. No fim, sinhô Robaldo voltou pra cela com uma chifrada em cada nádega.

Riquelme acaba de sair do culto e senta-se no banco da praça da igreja com o cabritinho.

— É cabrito, no final da história nem sempre o mocinho fica com a mocinha, né?!

— Béééé. — berra o cabrito.

O caminhão do Mateus Atacarejo para bem na frente do banco onde Riquelme está sentado. A janela se abre, e a motorista coloca a cabeça pra fora. Cabelos loiros lisos deslizam pelo seu ombro reluzindo os raios do sol de 42 graus celsius. Seu rosto tem pele fina e a aparência macia, usa um batom discreto, nude. Os olhos tão verdes, como a casca de uma goiaba madura, perfuram o coração de Riquelme ao encontrar com os seus. Bum! O coração do herói do sertão dispara. Ela pergunta pra ele:

— Oi, bom dia! Eu sou novata nessa rota. É aqui que fica São João das Macaxeiras?

— Sim, tu estás no lugar certo e na hora certa. Mas, o que deu com o outro motorista?

— Pelo que sei, teve um tiroteio, e ele ficou com medo de voltar. Mas, acho que é mentira. Aqui parece ser tão calmo.

Riquelme não resiste. Hora de ativar sua habilidade peculiar de inteligência especial. Mas agora, sem invenções.

— Ôxe! E tu sabia que essa história é verdade? Se tu tiveres um tempinho posso te contar.

A beldade desce do caminhão e senta-se ao lado do herói, que já começa a história sem nem respirar.

FIM

Esta obra foi escrita com a intenção de levar o Evangelho de Cristo de forma especial e divertida para as pessoas. Se você gostou, passe adiante. Compartilhe, presenteie as pessoas que você conhece e contribua para que a Palavra de Deus alcance mais vidas. Que o Senhor Jesus abençoe você e sua família.

Para conhecer mais obras e projetos do autor, acesse:

www.dyegofernandes.com

Instagram: @dyegodecristo

Facebook: dyego.fernandes.96

DYEQO

histórias que transformam